

Resumo – Segunda carta de João



A segunda carta de João, cujo autor é chamado de discípulo do amor, é aquele que conforme os evangelhos tinha uma proximidade especial com o Senhor (Jo 20.2). Tanto o evangelho de João, que difere de modo muito interessante dos outros três evangelhos, mas também as três cartas de João tem algumas características muito próprias. João fala de Jesus/Homem carregado da divindade e de poder sobrenatural, aquele que é o filho de Deus, sim o próprio Deus. João tem um repertório de palavras típicas, como por exemplo: verdade, amor, luz, trevas, vida, morte, Deus, diabo, enganador, Espírito Santo, ressurreição, etc. João não fala de milagres, mas de sinais que apontam para aquele que é o Jesus igual a Deus. Jo 14:9 “Quem me vê, vê o Pai”. Enquanto isso os evangelhos chamados sinóticos, Mateus, Marcos e Lucas tem muita coisa em comum e focam mais o Jesus histórico, aquele que pisou nosso chão, e se identificou com o ser humano.

João começa a sua segunda carta dizendo: v.1 “O presbítero à senhora eleita e aos seus filhos”. Presbítero significa ancião, aquele que é maduro. João, agora já envelhecido, refere-se a ele mesmo e que se dirige à senhora eleita e seus filhos. Tem simbolismo nesta frase, aquele que é maduro escreve a alguém que ele sabe que é de Deus (a senhora eleita), e esta por sua vez cuida dos seguidores como se fossem filhos. Ah, que relação bonita na jornada da fé: maturidade espiritual, cuidado amoroso e família da fé. Esse tripé: submissão, serviço e comunhão, são aspectos muito importantes da fé em Jesus.

Nos versículos seguintes é dito que este tripé da vida em comunidade tem uma base: verdade e amor. (Ler 2Jo 1-2). Nesta carta de João encontramos novamente aquelas palavras chaves citadas acima. Palavras que pretendem dizer: leve em conta onde a verdade, o amor, mandamentos de Deus tiverem lugar, ali o próprio Deus estará presente. (Ler: João 14.23; 1Jo 4.15). João nesta cartinha de 13 versículos, fala seis vezes o termo amor, cinco vezes verdade, quatro vezes mandamentos, três vezes permanecer, e duas vezes enganador. São palavras endereçadas a uma comunidade real e João quer dizer, não se afastem destas questões básicas, pois delas dependem a pureza da água da vida.

Quando a bíblia, em especial João fala da verdade e do amor, está falando de dois atributos do próprio Deus. João vai dizer que “Deus é amor, e quem ama é nascido de Deus” (1Jo 4.8), e que Jesus é a “expressão máxima da verdade de tudo o que existe”(João 14.6). Usamos o exemplo da piscina, para que a água permaneça limpa por meio da aplicação do cloro, a alcalinidade e o Ph precisam estar adequados. O descuido destes dois níveis de elementos químicos torna a água suscetível algumas complicações. Assim, a água da vida (Ler João 4.13-14; 7.37-39) carrega consigo a verdade e o amor como dois elementos essenciais e intrínsecos. Sem a verdade e o amor do padrão divino bebemos de água contaminada, não é nem própria para o banho. Permanecer nesta compreensão é alinhar-se a vontade de Deus, e isso nos é instruído pelos seus mandamentos.

Para João o amor e a verdade são conceitos intrinsecamente ligados. Não tem como separá-los. Pois, você usar uma suposta verdade sem amor terá mais efeito de marretada do que gerar de transformação. Ela fere e leva o outro para baixo. Verdade precisa do amor para ser libertadora e curadora (João 8.32). Supostas verdades sem amor termina em filosofia, pensamento e ideologia. Por outro lado, amor sem verdade permanece no sentimentalismo e na intuição, é uma busca por cura sem levar em conta o diagnóstico. João fala deste amor inúmeras vezes no evangelho e nas suas cartas. Verdade e amor não são coisas soltas, estão suspensas em Deus e vem dele, da sua soberania e vontade. O critério ideal do amor e verdade sempre estará associado aos seus mandamentos, estes que são os parâmetros. "Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará". Jo 8:31.

A segunda carta de João tem apenas 13 versículos, porém, ainda tem um termo que se destaca, são as palavras engano e enganador. Fugam daqueles que afirmam algo diferente, pois são enganadores. Nem sequer os saúdem. Parece radical, não é? O engano consiste em dizer que Jesus não passa apenas de um líder, tira de Jesus seu caráter divino. Quando tiramos o sentido ontológico de Cristo, daquele que é desde o início, aquele que é eterno, alguém que é o próprio Deus, aquele que é absolutamente o centro de toda fé, esvaziamos a verdade e o amor. A fé se perde quando é esvaziada com coisas que não procedem da verdade, do próprio Deus. Ali o Espírito Santo que é o Espírito da verdade e que leva a toda verdade já não opera mais o milagre da fé. (Jo 16.13; Ef 1.13-14).

Perguntas:

1. Por que precisamos uma verdade que vai muito além de nossa intuição pessoal?
2. Como seria o mundo se cada um defendesse a sua verdade? Isso seria possível?
3. Por que a partir de Deus verdade e amor precisam estar juntos?